

## **Rádio Cordel UFPE: relato da experiência do trabalho remoto de uma rádio comunitária no Agreste de Pernambuco<sup>1</sup>**

Sheila Borges de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Giovana Borges MESQUITA<sup>3</sup>

Carla da Silva NOGUEIRA<sup>4</sup>

Nicolly Cristina da Rocha GREVETTI<sup>5</sup>

Emilly Lorena Monteiro da SILVA<sup>6</sup>

Nilton Ricardo de Lemos SOARES<sup>7</sup>

Victória Maria Bezerra de Melo SANTOS<sup>8</sup>

Cecília Souza SILVA<sup>9</sup>

Daniel do Nascimento SANTOS<sup>10</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

### **RESUMO**

Este artigo compartilha a experiência da Rádio Cordel UFPE entre os anos de 2020 e 2021, quando as atividades da Universidade Federal de Pernambuco passaram a ser desenvolvidas de forma remota em função da pandemia da Covid-19. Nesse período, essa rádio comunitária, segundo Peruzzo (2010; 2006), passou a operar na web, produzindo 72 programas, veiculados em rádios comunitárias e educativas tradicionais e em plataformas de áudio como podcasts, dentro do conceito de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016). Isso porque o conteúdo do rádio transbordou para a internet por meio de celulares, computadores, redes sociais e agregadores de mídias sonoras. Como aporte teórico, utilizamos os conceitos de gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2003) e podcast (BONINI, 2020; VIANA, 2020) e seguimos as etapas metodológicas de produção radiofônica de acordo com Prado (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio expandido; podcast; comunicação; Covid-19; Agreste de Pernambuco.

### **INTRODUÇÃO**

A Rádio Cordel UFPE é uma emissora comunitária e educativa, vinculada ao curso de Comunicação Social, do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Caruaru, cidade a 137 quilômetros de Recife. O projeto da rádio começou a ser desenvolvido em 2018, na disciplina de Oficina

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Orientadora e professora do Curso de Comunicação Social da UFPE, e-mail: [sheila.boliveira@ufpe.br](mailto:sheila.boliveira@ufpe.br)

<sup>3</sup> Orientadora e professora do Curso de Comunicação Social da UFPE, e-mail: [giovana.mesquita@ufpe.br](mailto:giovana.mesquita@ufpe.br)

<sup>4</sup> Graduanda em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [carlanogueira3000@gmail.com](mailto:carlanogueira3000@gmail.com).

<sup>5</sup> Graduanda em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [nicolly.grevetti@ufpe.br](mailto:nicolly.grevetti@ufpe.br)

<sup>6</sup> Graduanda em Design da UFPE, e-mail: [emilly.msilva@ufpe.br](mailto:emilly.msilva@ufpe.br)

<sup>7</sup> Graduando em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [nilton.ricardo@ufpe.br](mailto:nilton.ricardo@ufpe.br)

<sup>8</sup> Graduanda em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [victoria.melo@ufpe.br](mailto:victoria.melo@ufpe.br)

<sup>9</sup> Graduanda em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [cecilia.souzas@ufpe.br](mailto:cecilia.souzas@ufpe.br)

<sup>10</sup> Graduando em Comunicação Social da UFPE, e-mail: [daniel.nsantos@ufpe.br](mailto:daniel.nsantos@ufpe.br)

---

de texto para as mídias sonoras, quando os alunos sentiram falta de ter um veículo de comunicação que pudesse compartilhar as experiências realizadas no CAA e dialogar com a sociedade da Região Agreste. Daí, surgiu o slogan “na frequência do Agreste”. Inicialmente, o projeto era instalar uma rádio comunitária de poste dentro do campus.

Na falta de equipamentos, começou a se produzir, em 2019, uma programação para ser veiculada em rádios educativas parceiras da própria UFPE: a Universitária 99,9 FM e a Paulo Freire 820 AM. Em função dessas dificuldades para instalar a Cordel no CAA, como rádio poste, o grupo aportou a rádio comunitária na web por meio da produção de podcasts universitários, que podem ser acessados pelo site [www.radiocordel.ml](http://www.radiocordel.ml). e plataformas de áudio, como Spotify e Anchor. É possível conhecer a programação pelo Instagram @radiocordel. A equipe também disponibiliza as produções por meio de grupos privados de WhatsApp, formados por professores, alunos e técnicos do CAA. O conteúdo é transmitido ainda para WhatsApp de indivíduos que solicitam, por troca de mensagens, ouvir os programas pelo aplicativo.

Para se destacar a importância da Cordel, é fundamental frisar que o campus da UFPE em Caruaru tem aproximadamente 300 docentes, 120 técnicos e 4.500 estudantes, distribuídos em 13 cursos de graduação e pós-graduação. Por isso, é importante instituir formas de diálogo para aproximar a universidade da sociedade.

No início do ano letivo de 2020, a equipe da Rádio Cordel UFPE já tinha se reunido e planejado a grade de programação daquele ano. Mas as atividades presenciais de ensino, pesquisa e extensão da universidade foram suspensas, em 16 de março de 2020, logo após a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciar que estávamos diante da pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Para preservar a segurança de docentes e discentes, já que a recomendação da OMS era evitar aglomeração para impedir a disseminação do novo coronavírus, os trabalhos passaram a ser realizados remotamente.

Nesse contexto, as professoras coordenadoras do projeto decidiram instituir uma nova rotina de trabalho para adaptar o processo de produção que, desde então, passou a ser a distância. Até porque boa parte dos alunos teve que retornar para as casas de seus pais em cidades vizinhas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, onde se localiza o CAA. Sem acesso aos laboratórios da UFPE, atenderam ao chamado da Cordel os integrantes da equipe que tinham, em suas residências, equipamentos conectados à internet, para realizar o trabalho, agora, a distância. Mas nem todos os estudantes, participantes do projeto, têm equipamentos e acesso à grande rede de computadores.

---

Mobilizar e conectar os estudantes foi o primeiro desafio para a elaborar uma nova rotina, adaptada ao distanciamento físico e às dificuldades tecnológicas. O objetivo das professoras era manter, mesmo virtualmente, todos juntos em função do impacto da pandemia e, conseqüentemente, da suspensão das ações presenciais, o que afetaria, como afetou, a saúde física e mental dos discentes, principalmente daqueles que deixaram Caruaru para voltar às residências dos pais, localizadas em zonas rurais de diversas cidades. Essa logística, para a reinvenção do fluxo de produção dos programas, mobilizou cerca de 24 estudantes dos cursos de Comunicação Social e Design do CAA.

A equipe reconfigurou a programação, uma vez que percebeu a necessidade de dialogar com as comunidades do Agreste sobre os aspectos social, econômico, cultural e político da pandemia da Covid-19. Entre abril de 2020 e julho de 2021, a Cordel produziu 72 programas, que também passaram a fazer parte de um projeto de extensão. As atividades da Cordel, assim, alinharam-se aos objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária. Dentre eles: 1) reafirmar a extensão universitária como processo delineado de acordo com as exigências da realidade, além de ser indispensável para a formação do estudante e a qualificação do professor em função do diálogo aberto com a sociedade; e 2) possibilitar novos meios e processos de produção, destacando a inovação e a disponibilização de conhecimento para ampliar o acesso ao saber científico (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2015).

Desde 2020, com o trabalho remoto, as ações da Cordel foram realizadas em convergência com as características do rádio expandido, conceito de Kischinhevsky (2016) que se posicionou na centralidade da atual produção sonora daquela rádio universitária. No rádio expandido há um transbordamento dos conteúdos da rádio tradicional para outras plataformas, como computadores, tablets, celulares, televisões por assinaturas e redes sociais. Isso sinaliza para uma mobilização mais abrangente da própria audiência. Ao caminhar para além das ondas hertzianas, o rádio chega às mídias sociais a partir da capacidade de ubiquidade da internet, com a possibilidade de se espalhar por todos os lugares, podendo ser captado por diversas plataformas.

Por meio da internet, os formatos do rádio se modificaram para se tornar cada vez mais híbridos. As empresas, por sua vez, passam a oferecer produções feitas sob demandas específicas da audiência, que são aportadas em sites e espaços de redes sociais. Isso sem falar nos podcasts, que oferecem uma nova forma de consumo dos

---

conteúdos sonoros, compartilhando informações, sobretudo, em áudio. Além de um relato de experiência, este artigo tem como objetivo trazer os conceitos teóricos de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2003) e podcasts (BONINI, 2020; VIANA, 2020; HERSCHMANN & KISCHINHEVSKY, 2008).

## **APORTES TEÓRICOS**

No atual contexto brasileiro, a Comunicação Comunitária é um caminho para a democratização da comunicação, como identificou Peruzzo (2006). E um dos meios que se acena para essa democratização são as rádios comunitárias, que, em muitos locais, funcionam como a única forma de acesso da população à informação. A rádio comunitária foi regulamentada pela Lei nº 9.612/98 e decretos subsequentes. Com base nessa legislação, deve ser porta-voz das comunidades e grupos sociais organizados com o objetivo de promover o desenvolvimento social. Elas se dividem em legalmente constituída, livre, alto-falante ou poste e virtual, como afirma Peruzzo (2010):

Rádios comunitárias legalmente constituídas são rádios lideradas por organizações comunitárias locais e destinadas a atender pequenas áreas geográficas urbanas e rurais. Transmitem em frequência modulada (FM) de baixa potência. [...] Rádios livres comunitárias são emissoras que se assemelham as da modalidade anterior, mas com a diferença de que não possuem a autorização para funcionar. São, de fato, rádios livres de caráter comunitarista, as quais os setores conservadores chamam de “piratas” ou “clandestinas”. Elas não se consideram piratas porque não visam lucro, nem clandestinas, pois não escondem seus endereços, nem as frequências através das quais difundem seus conteúdos. [...] As rádios de alto-falante, também são conhecidas como rádio-poste ou rádio-corneta são pequenos sistemas sonoros de “rádio popular” (rádio do povo) que transmitem suas mensagens através de bocas de alto-falantes ou de caixas reprodutoras/amplificadoras de sons. [...] As rádios virtuais comunitárias difundem suas mensagens somente pela Internet, portanto só existem no ciberespaço. (PERUZZO, 2010, p. 2).

Peruzzo (2010, p. 5) ressalta que, quando faz jus ao nome de comunitária, a rádio é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. “Transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal”. Já segundo Neuberger (2006), a rádio-poste está vinculada à imagem de cidades pequenas, onde as caixas de som do sistema de alto-falantes ficam instaladas no centro da cidade ou em

---

mercados públicos. Já as rádios virtuais, para Peruzzo (2010), divulgam o conteúdo exclusivamente pela internet. De caráter público, as comunitárias não têm fins lucrativos e desempenham importante papel no processo de conscientização e mobilização social, como é a missão da Cordel.

As rádios comunitárias são, portanto, uma ferramenta com a qual um bairro, uma comunidade ou uma região utiliza para transmitir informações e entretenimento que interessam a um determinado público. Para prosseguirmos com a proposta de atuação da Rádio Cordel UFPE precisamos, ainda, explicar o conceito de rádio educativa. Para Roldão (2006), as emissoras educativas resgatam e fortalecem o objetivo primeiro do rádio brasileiro: o de ser um veículo educativo e cultural.

A partir do pressuposto de que a Comunicação e a Educação ao se encontrarem podem realizar propostas importantes, no sentido de contribuir com as duas áreas, acreditamos que a experiência de uma programação educativa pode colaborar na tarefa daqueles que estão preocupados em utilizar os veículos de comunicação como mais um recurso de trabalho, com equipes interdisciplinares, visando o acesso do ouvinte à cultura e à educação. “É possível que o rádio propicie aos ouvintes programas que tenham um conteúdo que vá além do simples entretenimento; que seja utilizado como instrumento de democratização do saber” (ROLDÃO, 2006, p.10).

Para se produzir os primeiros programas da Cordel, a equipe se apoiou nos gêneros radiofônicos estudados por Barbosa Filho (2003): 1) jornalístico, 2) educativo-cultural, 3) de entretenimento, 4) publicitário, 5) propagandístico, 6) de serviço e 7) especial. Cada um deles pode se apresentar no rádio por meio de diferentes formatos ou subgêneros. Inicialmente, os mais utilizados na Cordel foram os jornalísticos para atualizar os ouvintes por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos.

Na temporada de 2020, isso ocorreu em função das informações relacionadas à pandemia. Os relatos presentes nesse gênero também podem conter concepções subjetivas. Dessa forma, acrescenta-se ao ato de informar, opiniões sobre o fato. Os formatos pertencentes a esse gênero são: nota, noticiário, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica. Os mais utilizados na Cordel foram as notas, reportagens e entrevistas.

A nota é um informe sintético de um fato atual nem sempre conclusivo, produzido com frases curtas e diretas. Já a entrevista representa uma das principais fontes de coleta

---

de informação e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas (BARBOSA FILHO, 2003). A reportagem, por sua vez, permite o aprofundamento das nuances de uma informação. “[...] a reportagem consegue ampliar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes, leitores, telespectadores, ou internautas uma ação mais profunda a respeito do fato narrado” (BARBOSA FILHO, 2003, p.92). A partir de 2020, com o trabalho remoto e a produção do conteúdo virtual, apostamos no que Kischinhevsky (2016) chama de rádio expandido.

Com a internet, há um borramento de fronteiras entre as mídias e o rádio transborda as ondas hertzianas e vai para o mundo virtual. Nesse sentido, o rádio expandido possibilita a multimídia, por meio do uso da linguagem para múltiplas mídias. Ele também favorece a hipertextualidade. Ou seja, a colocação de informações que podem ser acessadas através de links, o que leva ao aprofundamento dos dados em diversas plataformas. Outra característica do rádio expandido é a personalização, quando o ouvinte escolhe o que quer escutar. Além disso, essa nova fase do rádio amplia a interatividade. O rádio expandido permite ainda a formação de banco de dados para se construir uma memória para que se possa acessar os conteúdos quando o ouvinte quiser.

Com as tecnologias digitais, o rádio se fortalece. Isso porque, além de ampliar a abrangência dos programas, também aumenta a potencialidade da interatividade. O surgimento do podcast colabora para a reinvenção das mídias sonoras. De acordo com Vanassi (2007), o podcast é um conteúdo em áudio, disponibilizado por meio de um arquivo pela internet sem que os ouvintes precisem de horários fixos para consumir. Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 103) observam que, sobretudo, os jovens se sentem atraídos pelo podcast por causa “da ausência de regras rígidas. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios (...)”.

Para Bonini (2020), o podcast tem duas fases. De acordo com o autor, a primeira era do podcast é composta por uma programação amadora, sem fins lucrativos. A fatia amadora era composta por produtores independentes, educadores, professores e ativistas, bem como membros de círculos, associações culturais e grupos religiosos. Fase semelhante ao início do rádio. Também faziam parte dessa primeira era, mais amadora, estações de rádio e TV e jornais, que compartilhavam parte de sua programação, por meio da nova mídia. Produtores profissionais e personalidades do mundo do entretenimento utilizavam, naquela fase, o podcast como uma forma de se libertar da mídia tradicional,



distribuindo conteúdos por conta própria. Mas, por não conseguirem o lucro esperado, a maioria desistiu do podcast (BONINI, 2020).

Já a segunda era do podcast começou nos Estados Unidos a partir de 2012, quando podcasts populares passaram a ser financiados inteiramente por seus ouvintes através de financiamento coletivo, chegando a arrecadar centenas de milhares de dólares por ano. Desde então, os podcasts, segundo Bonini (2020), tornaram-se financeiramente viáveis e, dessa forma, um novo mercado surgiu. O avanço tecnológico, a popularização dos smartphones e a possibilidade de alcançar diferentes nichos permitiram que o podcast se tornasse um investimento rentável, ganhando, assim, mais notoriedade. Nessa segunda era, para o pesquisador, os podcasts utilizam os gêneros prestigiados pelo rádio.

No mundo do podcast, para Bonini (2020), um dos formatos preferidos do público é a da entrevista, gênero radiofônico jornalístico, segundo Barbosa Filho (2003). Nele, um ou mais entrevistados são convidados a responder perguntas e debater sobre alguma temática. O podcast, contudo, comporta muitos formatos diferentes. Além da entrevista, o documentário, a reportagem e o noticiário, que vieram do rádio. Assim, o rádio virou a base para os formatos do podcast já que muitos dos elementos que compõem o podcast vieram dele.

Viana (2020) fez um levantamento de como os estudos de rádio e mídia sonora abarcam questões relacionadas ao podcast, analisando 34 pesquisas, publicadas de 2004 a 2019 nos principais eventos de comunicação do Brasil. A autora compreende que os podcasters continuam utilizando formatos e linguagens que remetem ao rádio. Mas o podcast permite uma experimentação de tempo e formato mais amplo pelo fato de poder ser produzido de forma mais independente, sem estar atrelado às grades de programação e linhas editoriais do rádio tradicional.

Nesse sentido, de acordo com Medeiros (2006 *apud* Viana 2020), quando o podcast surgiu ele possuía quatro formatos principais: metáfora, editado, registro e educacionais. O tipo metáfora tem características semelhantes a um programa de rádio com elementos como locutor, blocos musicais, vinhetas, notícias e entrevistas. Já o editado é acionado quando as rádios editam os programas, veiculados na programação de uma rádio em tempo real, e depois eles são colocados no site para que sejam ouvidos posteriormente. O formato de registro é consumido como “audioblog”. É importante, contudo, destacar que alguns estudiosos não reconhecem que audioblogs são podcasts. O quarto, definido por Medeiros (2006), é o educacional com a disponibilização de aulas

---

que, muitas vezes, são produzidas em edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas vendidos nas bancas de revistas.

Viana (2020), no entanto, apresenta outros gêneros de podcasts que ampliam as classificações de Medeiros (2006). Ela destaca aqueles que utilizam uma construção narrativa diferente, trazendo as características do rádio, como a linguagem sonora com descrição de fatos, lugares e pessoas, mas investem, por ter um tempo mais largo, já que não estão em uma grade de programação, em histórias humanizadas com diversas vozes e paisagens sonoras. Com mais tempo de produção, utilizam, como recurso narrativo, por exemplo, a *storytelling*, caminho seguido por alguns episódios elaborados pela Cordel na primeira temporada de 2021.

Segundo esse mapeamento sobre os gêneros radiofônicos, de Barbosa Filho (2003), e de podcasts, a partir de Bonini (2020) e Viana (2020), os programas produzidos pela Rádio Cordel UFPE entrecruzam os gêneros radiofônicos jornalísticos, especialmente a nota, a entrevista e a reportagem, e os formatos metáfora e narrativo dos podcasts. Ao utilizar essas estratégias narrativas, as temporadas de 2020 da Cordel centraram na produção de conteúdo relativo à pandemia da Covid-19 para dialogar, de forma plural e diversa, com as comunidades do Estado de Pernambuco, especialmente as do Agreste.

Já a temporada de 2021, realizada até julho, decidiu trazer um conteúdo diferente se comparado ao ano anterior, veiculando produções que abordassem aspectos culturais, jornalísticos e de entretenimento, sem vinculação exclusiva com os fatos decorrentes da pandemia do novo coronavírus. A equipe decidiu dar visibilidade a pautas que pudessem trazer um certo alívio ao estresse causado por uma crise sanitária que se prolonga desde março de 2020. A seguir, compartilharemos como o conteúdo foi produzido desde que as atividades foram realizadas remotamente, com o detalhamento das temporadas, veiculadas por emissoras educativas e comunitárias tradicionais e por podcasts ancorados em plataformas de *streaming* na internet.

## **AS TEMPORADAS DA CORDEL**

Com a pandemia da Covid-19, a programação da Cordel foi adaptada ao trabalho remoto e os estudantes puderam colocar em prática o que tinham aprendido em sala de aula e nas orientações passadas pelas coordenadoras do projeto, apesar das limitações por não terem o suporte dos laboratórios. Os programas transbordaram as ondas hertzianas



do dial e foram para as redes e mídias sociais. Passaram a ser distribuídos em diversas plataformas sem as limitações físicas do rádio analógico.

Nesse contexto, o processo educacional emancipatório foi observado quando os estudantes envolvidos assumiram o protagonismo das ações de produção, gravação, edição e divulgação dos programas, dialogando diretamente com as comunidades. Eles, inclusive, realizaram oficinas para compartilhar o conhecimento com os alunos recém ingressos no curso de Comunicação Social e com discentes de outros cursos de graduação que também produziam podcasts. Essas ações também passaram a fazer parte de um projeto de extensão, vinculado ao curso de Comunicação Social do CAA/UFPE.

Esse ecossistema comunicativo sempre caminhou por várias direções de forma dialógica e transparente com canais abertos dentro da UFPE e fora dela, em sintonia com a sociedade, por meio das redes sociais e de grupos do WhatsApp, o que se ampliou para diversas plataformas na pandemia. Tudo isso com o objetivo de promover o acesso plural à produção e difusão da informação.

As abordagens temáticas das temporadas da Cordel foram planejadas com a participação de todos os atores envolvidos e em sintonia com as comunidades, principalmente de Caruaru e cidades da Região Agreste. Em função disso, todos os temas dos 72 programas, aqui apresentados, foram decididos a partir da prática da escuta das demandas do grupo e, também, dos anseios dos/das cidadãos/ãs.

Entre abril e dezembro de 2020, foram veiculadas quatro temporadas. A primeira circulou no período de abril e maio, reunindo 24 programas de até 10 minutos sobre as ações de enfrentamento, por parte da UFPE, à Covid-19, além de registros de como integrantes do CAA e moradores de cidades do Agreste pernambucano estavam sobrevivendo à quarentena. Os episódios trataram de temas como a vivência de estar longe de casa e do país, o trabalho na quarentena, a ajuda dada aos pequenos comerciantes, o cuidar dos filhos, o impacto no turismo e na publicidade, a prática dos estudantes de medicina, a volta à casa dos pais, a produção e doação de protetores faciais e álcool gel e a importância da alimentação e da assistência psicológica.

A segunda temporada da Cordel veiculou uma série de programas, às terças e sextas-feiras, para mostrar que a cultura dos festejos juninos continuou forte em Caruaru, mesmo sem a tradicional festa de rua. Durante o mês de junho de 2020, foram veiculados “programetes” de até cinco minutos, lembrando a magia da época. Eles trouxeram as “Crônicas Cantadas do País do São João”, histórias autorais produzidas pelos estudantes

---

sobre as festas que fazem de Caruaru a Capital do Forró. Durante as sextas-feiras, foram compartilhados programas de 25 minutos para ativar a memória afetiva dos caruaruenses sobre o ciclo junino. Os dois primeiros programas recordaram os festejos nos anos 1990 com o resgate de músicas e comemorações da época. Já os dois restantes focaram no contexto atual, no qual a festa teve que se reinventar por causa da pandemia.

A terceira temporada foi veiculada entre julho e setembro de 2020 e direcionada para a discussão de como a arte pode ajudar a manter a saúde mental num período de quarentena prolongada, a partir de um viés político: a arte como resistência. Foram produzidos 11 programas de 25 minutos com experiências coletivas e individuais dos estudantes, envolvidos no projeto, sobre expressões artísticas como a fotografia, o cinema, a literatura, a música, a televisão, os jogos, o desenho, a moda, o artesanato, as artes plásticas, o teatro e a dança.

A quarta temporada foi executada entre outubro e dezembro de 2020 registrando as memórias de moradores do Agreste sobre a quarentena, trazendo os depoimentos para responder a seguinte pergunta: no futuro, o que você vai contar sobre a sua experiência na quarentena? A partir das respostas, a equipe elaborou nove programas que trouxeram os registros históricos dos depoimentos desses cidadãos comuns, que, normalmente, não encontram espaço para compartilhar as suas experiências na mídia comercial. Assim, revelamos os sentimentos, as vivências, as sensações e as possíveis mudanças que a quarentena prolongada provocou no cotidiano do Agreste.

Os programas das temporadas contemplaram as etapas de produção, definidas por McLeish (2001) e Prado (2006), classificadas em produção executiva, pré-produção, produção em andamento e pós-produção. Na produção executiva, o projeto das temporadas foi esboçado. Na etapa de pré-produção, as informações necessárias para os programas foram coletadas. Na produção em andamento, o programa foi realizado. Essa etapa se estende da produção do conteúdo até a veiculação do material.

Na produção das reportagens, os repórteres entrevistaram as pessoas pelo WhatsApp. Em seguida, escreveram o roteiro e o script. Na sequência, enviavam para os coordenadores da produção, que solicitavam os ajustes necessários. Depois de feitos os ajustes, os repórteres usando os gravadores de seus celulares, faziam a gravação do texto. Os arquivos, então, eram enviados para a equipe de edição, juntamente com os trechos das entrevistas selecionadas. A edição foi feita em programas gratuitos baixados nos computadores pessoais da equipe.

---

Depois da edição, o programa finalizado era encaminhado à equipe de divulgação da rádio, que distribui o conteúdo por meio de site, das redes sociais, de grupos de WhatsApp e das plataformas de *streaming* de música, como Spotify, Radio Público, Pocket Casts, Overcast, Google Podcasts, Breaker e Anchor. Também está no Instagram, por meio do perfil @radiocordel e no site [www.radiocordel.ml](http://www.radiocordel.ml), além de grupos de WhatsApp. Todo o grupo contribui com a fase de pós-produção, catalogando o material produzido para que fizéssemos, rotineiramente, os relatórios do que foi realizado.

Na temporada de 2021, a Rádio Cordel UFPE seguiu a mesma metodologia de produção acionada em 2020. Na produção dos programas, tomou ainda como aporte Barbeiro e Lima (2003), que orientam para a criação de uma programação com rigor técnico e ético. Um processo que vai das pautas, passa pelas edições dos programas e chega à veiculação, definido em reuniões mensais, feitas pelo Google Meet e por grupos de WhatsApp, para avaliar o trabalho e orientar cada equipe especificamente.

Em 2021, a Cordel abriu a programação para podcasts universitários, elaborados pelos estudantes que integram o projeto da Cordel desde 2020. Na produção desses podcasts, os repórteres utilizaram o WhatsApp. Em seguida, escreveram o script. Na sequência, enviavam para os coordenadores da produção, que solicitavam os ajustes necessários. Depois, havia a gravação do texto e a edição do produto. Quando essas equipes finalizavam os programas, enviavam para o grupo de edição da Cordel, que concluía trabalho com as locuções de apresentação e de encerramento dos episódios. Nesse período, os podcasts produzidos foram: As sanfonas de Tavares da Gaita, Umbucast, Gaveta Mágica e Peripatocast.

O podcast “As sanfonas de Tavares da Gaita” foi organizado para recuperar e difundir, nas mídias sonoras, a herança cultural deixada pelo artista popular Tavares da Gaita. Para isso, elaborou-se uma série de 10 podcasts com o objetivo de valorizar o legado do músico, com duração de cinco a 15 minutos. O projeto também foi elaborado para ser o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante Evandro Lunardo, criador e produtor do podcast.

Já o Umbucast é um podcast do tipo narrativo, estilo de produto roteirizado que possui elementos sonoros que prendem a atenção do ouvinte. Entre esses elementos, podemos citar a forma de organizar o conteúdo, apresentando ou não uma linha de tempo linear; as entrevistas; o estilo de narração; a trilha escolhida e a sonoplastia posta durante a edição. Mas tudo começa com uma reunião de pauta. Nela, a equipe decide os temas

dos episódios e divide as tarefas que cada aluno do projeto executará. Com a pandemia, a maioria das entrevistas ocorre de forma remota apenas pelo WhatsApp. Algumas, contudo, aconteceram de forma presencial obedecendo as medidas sanitárias impostas pelas autoridades públicas, como o distanciamento físico e o uso de máscaras.

Na primeira temporada, entre abril e junho, foram produzidos três episódios sobre o xilogravurista pernambucano J. Borges, o apresentador de rádio e televisão Chacrinha e o São João no Agreste de Pernambuco, suspenso pelo segundo ano consecutivo. O Umbucast, o podcast narrativo que conta histórias do Agreste, é produzido pelos estudantes Daniel Nascimento, Beatriz Lima, Andayra França, Vtória Lima, Gabriela Ramos, Laís Tavares, Nichole Andrade, Bianca Lima e João Paulo Passos.

Já o podcast Gaveta Mágica aborda várias temáticas que envolvem o universo literário. Na primeira temporada, foi produzido por Danielle Leite, Dayane Jeniffer, Mariana Sales, Victória Mélo e Robson Martins. Os episódios foram divididos entre narrativo-jornalístico e resenhas de livros específicos. O Gaveta lançou quatro episódios: Livros e a Pirataria Digital, A Jornada do Herói e as resenhas dos livros Estilhaça-me, de TaherehMafi, e Terra das Mulheres, de Charlotte Perkins Gilman. Dois deles fizeram parte da programação da Cordel.

Os episódios narrativo-jornalísticos precisaram inicialmente de uma pesquisa para encontrar um tema relevante. Depois, o Gaveta buscou informações necessárias para a construção da narrativa em sites, revistas, artigos e livros que tratam do tema escolhido. Com isso, foram entrevistados especialistas nos assuntos. Após a gravação dos episódios, o arquivo era armazenado e editado. A edição foi feita usando o software Audacity. Colocamos nos arquivos do projeto, o roteiro, as falas dos entrevistados, os efeitos sonoros e a trilha, elaborada pelo aluno Vinícius Sales. Para os episódios de resenha, a dinâmica é parecida. Mas é escolhido apenas um integrante do grupo para falar suas opiniões sobre um livro. Ele comenta alguns pontos e temas tratados no livro. Podendo, ou não, usar outros autores e fontes.

Já o podcast Peripatocast trata, de forma leve, de temas da atualidade por meio de entrevistas e reportagens também do tipo narrativo. Foram produzidos dois episódios na temporada de estreia. No primeiro, abordou-se aspectos variados do ensino remoto, trazendo pesquisas sobre as adaptações da didática feita por professores de entidades públicas e privadas, dando destaque a uma professora do Ensino Fundamental, que transformou as aulas em programas de rádio para chegar aos estudantes que não tinham

---

celular nem internet em suas residências. O segundo, focou no uso dos memes como crítica política. A equipe do Peripatocast é composta por Cecília Souza, Eduardo Silva, Valdenilson Henrique, Heverton Vinícius, Ricardo Lemos e Robson Martins.

Na pós-produção dos podcasts, a catalogação do material exibido ocupa um papel importante, pois o conteúdo fica guardado para ser disponibilizado no site e nas redes sociais da Rádio Cordel UFPE e dos próprios grupos, que criaram espaços independentes de divulgação em plataformas de mídias sonoras e redes sociais. O material também vai para os relatórios apresentados para a produção, por exemplo, de artigos como este.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi fazer um relato das experiências das atividades da Rádio Cordel UFPE na produção de 72 programas, elaborados entre abril de 2020 e julho de 2021. Com a suspensão das aulas presenciais, as equipes reconfiguraram as produções, buscando superar a exclusão social e promover a cidadania em uma região marcada por muitas desigualdades. Ao se expandir para a web e para as redes sociais, os projetos tentaram um maior diálogo com a audiência, além de potencializarem a reverberação dos conteúdos elaborados. Numa perspectiva de ampliar a veiculação das produções firmamos parcerias com rádios comunitárias, educativas e públicas de Pernambuco e de Minas Gerais.

Dessa forma, as produções da Cordel contemplaram ainda as diretrizes que devem orientar as formulações e implementações das ações de extensão, uma vez que a rádio também passou a fazer parte de um projeto de extensão. Essa interação dialógica com as comunidades do Agreste, segundo Santos (2004), contribui para dar uma resposta às crises da universidade pública: de hegemonia, legitimidade e institucional. “Não se trata mais de ‘estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade’, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo (SANTOS, 2004, p. 47)”. Nesse sentido, Santos (2004) fala de um conhecimento que contribua para a superação da exclusão social.

Espera-se, em função da repercussão do conteúdo compartilhado nas ações relativas as atividades de ensino, pesquisa e extensão, que a Cordel tenha desempenhado o seu papel, favorecendo a participação ativa das comunidades do CAA e das cidades do Agreste, região na qual o projeto da rádio comunitária está inserido, desenvolvendo, como

defende Peruzzo (2006), um trabalho de informação, educação não-formal, desenvolvimento da cultura e mobilização social, na direção da auto-emancipação cidadã.

O contexto da pandemia do novo coronavírus demandou ainda a adaptação das universidades para a realização de novas atividades. A Cordel se pautou nas diretrizes estabelecidas pela UFPE, sobretudo na interação dialógica, compreendida pela indicação de diálogo, de troca de saberes, de aliança com movimentos, setores e organizações sociais; e pela indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Além da contribuição na formação do estudante, o maior impacto é a possibilidade de transformação social nas comunidades, na medida em que buscam trabalhar uma informação contra-hegemônica, atingindo o público-alvo por meio de diversas mídias.

## REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, H. e LIMA, P. **Manual do Radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- BARBOSA FILHO A. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora. Editora FACOS/UFSM. SantaMariaV.11, N.1 | 2020.1. p. 13 – 32. 2020
- COSTA FILHO, I. **As rádios educativas nos conglomerados de mídia do sertão cearense**. In: Revista Heterotropias, número 2. Fortaleza: Book editora, 2006.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015.
- HERSCHMANN, M & KISCHINHEVSKY, M. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista Famecos*, v.15, n. 37, p. 87-110, 2008.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.
- NEUBERGER, R. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas (BA): Editora UFRB, 2012.
- PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2012.
- PERUZZO, Cícilia. **Direito à Comunicação Comunitária, participação popular e cidadania**. *Lumina*, Juiz de Fora, n. 1, v. 1, p. 1-29, 2007. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201>. Acesso em: 18 set. 2020.
- PERUZZO, C. M. K. **Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM**. Trabalho apresentado ao GT

---

Economia e Políticas de Comunicação. Encontro Anual da Compós. PUC-Rio, 8 a 11 de junho, 2010.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **O Rádio Educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios.** In: Trabalho apresentado ao NP Comunicação Educativa do VI Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante o XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–UnB–6 a. 2006. **Disponível em:** <<https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0905-1.pdf>>. Acesso em 01/4/2020>.

SANTOS, B. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

VIANA, Luana. **Estudos sobre podcast:** um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. Revista Contracampo, v. 39, n. 3, 2020.

VANASSI, G. **Podcasting como processo midiático interativo.** Universidade de Caxias do Sul, 2007. Monografia (Mestrado em Comunicação Social).